

O palácio norte de Massada e os ecos de Flávio Josefo*

Introdução

Massada (*Kasr es-Sebbah* em árabe) está localizada no território leste do deserto da Judeia, perto do Mar Morto, cerca de 17 Km a sul de Ein-Gedi, sobranceiro à actual península de Lisan, nas proximidades de Ein-Boqeq, de Nahal Mishmar e de Nahal Zeelim. Faz parte do grande falha geológica siro-africana que corre desde as montanhas do Líbano até ao fim do continente africano. Constitui em si mesma um proeminente promontório, que se separa e destaca do resto da cordilheira do deserto da Judeia. O rochedo de Massada, como é conhecido, tem uma forma elíptico-romboidal, medindo na extensão máxima dos seus diâmetros cerca de 600 metros de norte a sul e cerca de 300 metros de este a oeste. Era portanto um local ideal para construir algo de grande, espectacular mesmo, como cedo percebeu o rei Herodes O Grande, que aproveitou este monte e as suas características para construir no topo uma fortaleza, cujos vestígios ainda hoje causam uma forte impressão ao visitante ou ao investigador, não só pela dificuldade do terreno adverso a construções, mas sobretudo pela beleza da localização, à semelhança da do *Herodium*, da de *Hyrcania*, da do *Alexandrinum*, ou da do *Macharaeus*.

O rei Herodes erigiu aí uma fortaleza entre 36-30 a.C., dentro da qual organizou vários edifícios. Adornou-a com várias infra-estruturas. As diferentes construções serviam as várias missões do responsável administrativo do território. Por isso, eram necessários palácios, uma muralha defensiva de quatro portões em casamata, um espaçoso balneário, cisternas, poços, e armazéns. Em 66 A.D. a revolta judaica *apoderou-se* dele como último baluarte do espírito conquistador judaico anti-romano¹. Permaneceu assim durante sete anos, até que foi finalmente reconquistado pelo governador romano Flavius Silva em 73 A.D., depois da destruição de Jerusalém, de acordo com as informações fornecidas pelo historiador judeu *Josefo ben Matatias*².

* Em homenagem aos meus professores com estima e consideração.

¹ Esta é considerada a Primeira Revolta Judaica do período romano : cf. J. MAIER, *Il Giudaismo del Secondo Tempio: storia e religione*, Brescia 1991, 230-232.

² Cf. F. JOSEPHUS, *Bell.Jud.* VII, 252-406.

Contudo, pretendemos somente analisar o famoso palácio norte construído a partir do topo setentrional por Herodes, num sítio íngreme, mas cujo efeito diz bem da genialidade deste *rex socius et amicus populi romani* e pouco amigo dos seus súbditos judeus, deste *rei cruel* (S. Cesário de Arles) que até inocentes massacra (Mt 2,16-18) ou que nem pejo tem em eliminar os seus familiares mais directos. Por tudo isto é tido na literatura rabínica como o “escravo da casa dos asmoneus”³. No entanto, por algumas razões o seu apelido *O Grande* o distingue na história dos seus próprios filhos e como figura de proa da *dinastia* a que deu o nome⁴. Com este quadro julgamos pertinente prosseguir a análise com a comparação de outras fontes escritas contemporâneas, ou pelo menos próximas no tempo⁵.

Dispomos de duas fontes informativas: as investigações arqueológicas e o relato descritivo de Flávio Josefo⁶. O local foi identificado pela primeira vez em 1838 pelo explorador americano Edward Robinson, identificação confirmada quatro anos depois por Samuel Wolcutt. As primeiras escavações reais foram dirigidas por Félicien de Saulcy em 1851, mas só em 1875 apareceram as primeiras publicações dos edifícios por Claude R. Conder. Estes estudos foram aprofundados já no século XX por Alfred von Domaszewski em 1909 e por Adolf Schultze em 1932⁷. Os trabalhos levados a cabo a partir da década de cinquenta pela Israel Exploration Society, pelo Israel Department of Antiquities, e pela Universidade Hebraica de Jerusalém puseram a descoberto as primeiras estruturas dos palácios norte e ocidental de Massada.⁸ Já na década de sessenta as grandes e mais sistemáticas escavações dirigidas pelo general israelita Yigael Yadin completaram os trabalhos⁹.

Afigura-se assim um interessante confronto entre os dados arqueológicos vindos à luz ao longo destas últimas décadas e a *fonte josefina*, um *diálogo (con)textual* entre estes dois tipos de textos. Assumimos o caso do palácio norte de Massada construído pelo rei Herodes como exemplar não só

³ Cf. *AssMos* 6,2-7.

⁴ Cf. F. RICHARD, *Situation politique en Orient et en Judée-Palestine à la veille de l'ère chrétienne*. In Ph. ABADIE – J.-P. LÉMONON (dir.), *Le Judaïsme à l'aube de l'ère chrétienne. XVIII^e Congrès de l'ACFEB (Lyon, Septembre 1999)*, [= LD 186], Paris, Cerf 2001, 19-28.

⁵ Sobre a personalidade de Herodes ver JOSEPHUS, *Bell.Jud.* I, 429; IDEM, *Ant.*, XV, 266-268.

⁶ Cf. JOSEPHUS, *Ant.* XIV, 296; IDEM, *Bell.Jud.* I, 236-238; VII, 252-435.

⁷ Cf. G. FRIEND – S. FINE, *Masada*. In *O.E.A.N.E.*, vol. 3, New-York – Oxford 1997, 428.

⁸ Cf. “The Archaeological Survey of Masada 1955-1956”, *IEJ* 7 (1957) 1-65.

para se compreender melhor a controversa personalidade de Herodes, mas igualmente para aferir do grau de fiabilidade de Flávio Josefo na reconstrução do período histórico inter-testamentário¹⁰, época da história tão importante se queremos possuir um olhar mais abrangente sobre a sociedade e a cultura que envolveram o Jesus histórico, e que constituíram a matriz donde em Israel brotou o nosso N.T¹¹.

1. O palácio norte¹²

“Além disso, construiu um palácio na subida ocidental: estava dentro e abaixo das muralhas da cidadela, mas inclinado para o lado norte. A parede do palácio era muito alta e forte, e as suas quatro torres angulares mediam sessenta cúbitos de altura. A mobília dos edifícios, dos claustros, dos banhos, era de uma grande variedade, e de alto valor. Estes edifícios eram suportados por pilares de pedra maciça em cada um dos lados. As paredes e os chãos dos edifícios eram pavimentadas com pedras de várias cores. Também construiu muitos poços na rocha como reservatórios de água....”¹³

Encontraram-se nada mais nada menos do que oito palácios no rochedo de Massada. Os dois principais são o palácio norte (também chamado *Villa*) e o palácio ocidental. Juntamente com os restantes de menor relevo terão servido como residências para a família real e como centros administrativos do reino.

O palácio norte pode ser considerado uma estrutura singular e única, pois utilizou as próprias características escarpadas do terreno com uma

⁹ Cf. Y. YADIN, “The Excavations of Masada 1963/64 Preliminary Report”, *IEJ* 15 (1965) 1-120; IDEM, *Masada Herod's Fortress and the Zealot's last stand*. Jerusalem: Steimatzky, 1988, 3ª ed.

¹⁰ Cf. F. GARCÍA-MARTINEZ, *Entorno literario del NT*. In *La Biblia en su entorno* [= IEB 1], Estella 1996, 406.

¹¹ Herodes ficou também conhecido por reconstruir o templo em Jerusalém (*Ant.* XV, 380-425), ainda que não obedecendo ao traçado original de 1 Re 6-7; 2 Cron 3-5; Ez 40-48. Para o estudo desta personagem ver: E. M. SMALLWOOD, *The Jews under Roman rule*, Leiden 1976; A. SCHALIT, *König Herodes. Der Man und sein Werk*, Berlin 1969; M. STERN, *Herod and the Herodian Dynasty*. In *Compendia Rerum Iudaicarum ad Novum Testamentum*. V/1 : *The Jewish People in the First Century*, Philadelphia-Assen 1974, 216-307; N. KOKKINOS, *The Herodian Dynasty*, Sheffield 1997. Para uma retrospectiva sobre o *Testimonium Flavianum* (*Ant.* XVIII, 55-63) ver : K. A. OLSON, “Eusebius and the Testimonium Flavianum”, *CBQ* 61 : 2 (1999) 305-322 (esp. 306.313 onde este autor defende, sobretudo com base em argumentos literários, que o dito *Testimonium Flavianum* é uma interpolação do próprio Eusébio de Cesareia). Étienne NODÉT considera-o autêntico : ver IDEM, *Procès de Jacques, procès de Jésus*. In Ph. ABADIE – J.-P. LÉMONON (dir.), *Le Judaïsme à l'aube de l'ère chrétienne. XVIII^e congrès de l'ACFEB*, 56.

¹² Cf. R. HACHLILI, *Ancient Jewish Art and Archaeology in the Land of Israel*, Leiden 1988, 42 A.

enorme perícia e com grande gosto por parte de quem idealizou tal projecto. Apresenta três pisos sob a forma de terraços abertos ao horizonte imenso e fascinante do Mar Morto que domina. A entrada fazia-se pelo átrio sul do terraço superior¹⁴. Todavia, permanece aberta a hipótese de uma entrada lateral oriental deste mesmo terraço¹⁵.

2. O terraço superior¹⁶

Este primeiro piso apresenta várias salas ao longo das alas laterais do átrio aberto central¹⁷, algumas assoalhadas habitacionais e uma varanda semi-circular¹⁸, a qual se pensa ser adornada com duas filas de colunas. Constitui em si mesmo a proa do rochedo de Massada, elevado que está alguns metros acima da área sul do mesmo¹⁹. A plataforma semi-circular delimita o extremo mais norte da projecção do próprio rochedo. Está cintada por duas paredes concêntricas que correm de oriente para ocidente, com um espaço de cerca de um metro entre ambas²⁰. O diâmetro desta plataforma (na sua dimensão mais extensa exterior) é de nove metros, enquanto que o diâmetro interno mais pequeno é de apenas seis metros. As duas paredes forma construídas com grande habilidade por parte dos engenheiros de Herodes, como sustentação do seu próprio palácio. Esta plataforma serviu de inspiração ao piso intermédio, excepto no que toca ao plano semi-circular²¹. A superfície desta plataforma superior foi decorada com mosaico branco, dos quais alguns vestígios permaneceram na zona sul. Esta zona, de forma rectangular, é ocupada por áreas habitacionais em duas alas: uma para oriente²² e outra para ocidente²³, no meio das quais se estende uma área adornada com um mosaico branco

¹³ Cf. F. JOSEPHUS, *Bell. Jud.* VII, 289-290.

¹⁴ Cf. E. NETZER, *Masada*. In *ABD*. Vol. 4, New York 1992, 587.

¹⁵ Cf. R. HACHLILI, *Ancient Jewish Art*, 42.

¹⁶ Cf. E. NETZER, *Masada III The Yigael Yadin Excavations 1963-1965 Final Reports The Buildings Stratigraphy and Architecture*. Jerusalem 1991, 139.

¹⁷ Cf. *Ibidem*, 93.

¹⁸ Cf. *Ibidem*, 76.

¹⁹ Cf. *Ibidem*, 137.

²⁰ Cf. *Ibidem*, 146.

²¹ Ehud NETZER discorda aqui de Yigael YADIN, *The Excavations*, 22, argumentando que o espaço entre as duas paredes que delimitavam este edifício teria desde o início sido preenchido de alguma forma, para dar consistência às próprias paredes que sem isso não se sustentariam com um vão tão grande: cf. NETZER, *Masada III*, 147.

²² Cf. NETZER, *Masada III*, 77.78.

simples²⁴. Cada ala compreende duas salas espaçosas e um estreito corredor. A parede sul deste terraço superior separa assim o palácio norte do resto do rochedo de Massada. Na sua vertente ocidental termina naquela que é a muralha defensiva da cidadela, a continuação da fortaleza com muro em casamata. A posição desta parede parece concordar com a descrição de Flávio Josefo segundo a qual o palácio aparece abaixo da muralha cimeira da fortaleza²⁵.

3. O segundo átrio²⁶

Vinte metros abaixo do terraço superior aparece este segundo piso em forma de pavilhão. As fundações desta parte do edifício são aquilo que sobreviveu basicamente. Tal como no piso anterior, é cintado por uma parede dupla, cujo espaço intermédio tem sido alvo de discussão. Segundo alguns autores, teria sido preenchido com pedras e cascalho²⁷. Na interpretação de Yigael Yadin, esta seria uma técnica comum da época de molde a reduzir o diâmetro do espaço coberto e a obter uma altura maior para a plataforma construída sobre a mesma. Desta forma, o espaço entre as duas paredes pretendia ser uma solução técnica a fim de diminuir a pressão de uma estrutura que fosse suportada somente por uma única parede exterior²⁸.

Este terraço intermédio do palácio de Herodes é considerado pela maioria como sendo um *θόλος* (*thólos*)²⁹ com duas filas de colunas, uma espécie de *belvedere*, à semelhança de outros encontrados em outras estruturas arquitectónicas herodianas e helenistas do tempo³⁰. Apresenta por isso um desenho arredondado³¹. A parede exterior tem uma largura assinalável de 1,20 m e um diâmetro de 15,3 m. As fundações desta parede, cujo topo é

²³ Cf. *Ibidem*, 88.86.94.

²⁴ Cf. *Ibidem*, 143.

²⁵ Cf. F. JOSEPHUS, *Bell. Jud.* VII, 289.

²⁶ Cf. NETZER, *Masada III*, 151.

²⁷ Cf. R. HACHLILI, *Ancient Jewish Art*, 42; YADIN, *The Excavation*, 18. Ao contrário, em total dissonância aparece Ehud NETZER, para quem o espaço não suportaria, devido ao declive, mais peso ainda. Logo não poderia ser preenchido com o que quer que fosse: cf. NETZER, *Masada III*, 150.

²⁸ Cf. YADIN, *The Excavations*, 18.

²⁹ Cf. NETZER, *Masada III*, 149.

³⁰ Cf. G. FOERSTER, *Masada V The Yigael Yadin Excavations 1963-1965 Final Reports Art and Architecture*. Jerusalem: Israel Exploration Society-Hebrew University of Jerusalem, 1995, 174-179.

³¹ Cf. NETZER, *Masada III*, 51.

horizontal, descem até à rocha natural. Como esta padece de um declive em crescendo de sul para norte, esta parede sustentáculo é maior no topo setentrional, e confunde-se com a rocha nivelada na sua secção sul. A face exterior deste muro foi revestido de arenito refinado, e as camadas de pedra estão solidamente dispostas e tecidas com a argamassa. A face interna, contudo, foi construída com uma outra mistura de grés. O topo foi recoberto com lâminas rectangulares de arenito macio. Estas lajes apareceram lado a lado. A largura de duas destas lastras fecha exactamente a largura da própria parede.

O muro interior tem 1,20 de largura e 10 m de diâmetro. A sua profundidade ajusta-se ao nível natural da rocha. Grande parte desta parede é construída sobre a pedra natural de Massada, exceptuando-se o lado oriental que se apoia na plataforma quadrada. A parte interna deste muro interior compõe-se de blocos dolomíticos, enquanto que a secção externa consiste em blocos de argamassa em alternância. A profundidade do espaço entre ambas as paredes (1,40 m) difere do nível natural dos alicerces na pedra, e por isso é mais fundo no topo norte.

A sudoeste do edifício circular encontra-se uma escada³² que serve de ligação ao primeiro e mais elevado terraço. A parede da vertente oriental está decorada com uma colunata sob a forma de uma fachada falsa e vários frescos a imitar um ambiente real. Entre a escadaria e este *hall* na vertente oriental abre-se uma pequena sala cuja parede meridional foi cortada directamente da rocha, onde estão desenhados quatro pilares quadrangulares em grés cobertos com reboco branco³³. Medem 2,50 m de altura e 0,50 m de profundidade, erigidos em intervalos de 70 cm. Estes pilares não assentam directamente no solo, mas numa laje emplastrada de 60 cm de altura. Todavia, o seu cimo está nivelado com o cimo das paredes,. Todas as três paredes desta divisão destacam-se pelo traço horizontal preto, verde e vermelho a todo o perímetro, que adorna a parte inferior.

Contudo, permanece a questão: qual a função deste piso intermédio? Tem sido sugerido e geralmente aceite que funcionaria provavelmente como

³² Cf. NETZER, *Masada III*, 65.

³³ Cf. NETZER, *Masada III*, 153.

pavilhão, área de lazer. Terá sido construído com os objectivos arquitectónicos e práticos de um palácio-*villa*, tal como os do terraço inferior e último³⁴.

3. O pátio inferior³⁵

Foi erguido cerca de 15 metros abaixo do nível do terraço intermédio, e cerca de 35 metros abaixo do topo limite norte de Massada. Mede 17,6 m x 17,6 m, e é sustentado por uma área correspondente elevada propositadamente para o efeito com fortes muros. A área central deste piso do palácio norte (10,3 m x 9m) foi decorada com pórticos de meias colunatas duplas em grés, coloridas com capitéis coríntios emplastrados³⁶. A parte inferior da parede do pórtico foi enriquecida com frescos a imitar o mármore. No fundo do pórtico prefiguram-se uma fachada falsa com meias colunas embutidas na rocha e frescos entre elas³⁷. As bases das colunas nos espaços exteriores estão 75 cm abaixo das bases das colunas no lado interno. A parede sul exterior do pórtico sul nasce a partir do próprio declive norte da rocha do segundo piso do palácio. Só depois foi a rocha emplastrada com meias colunas. O espaço central possui um piso plano estucado, sobre o qual fossilizaram os vestígios de um grande incêndio³⁸. Apesar disto, a secção sul não ficou muito danificada. A parede deste lado meridional apresenta uma entrada ladeada por dois pedestais, sobre cujas partes salientes se pintaram formas romboédricas com fundo escuro que preenche os quatro cantos dos pedestais. As superfícies intermédias estão decoradas com painéis: um painel estreito no centro flanqueado por outros dois mais largos à direita e à esquerda. Os motivos pretendem imitar a pedra e o mármore, sobretudo o raiado do mesmo. Os painéis escuros sobressaem pelo seu tom avermelhado. Os painéis mais claros foram impressos com um castanho brando desgarrado.

Quanto ao pórtico ocidental, assenta num muro talhado na pedra do rochedo, constituindo assim o termo do próprio palácio. No lado oriental, encontramos ainda uma zona balnear. No lado oposto, construíram igualmente

³⁴ Cf. HACHLILI, *Ancient Jewish Art*, 42.

³⁵ Cf. NETZER, *Masada III*, 161.

³⁶ Cf. *Ibidem*, 159.

³⁷ Cf. FOERSTER, *Masada V*, 13-18.

³⁸ Cf. YADIN, *The Excavations*, 11.

um acesso em escadaria para o segundo pátio do palácio. A zona balnear é completa nas instalações. O *frigidarium*³⁹ possui um tecto abobadado, que em grande parte caiu. Havia ainda espaço para um *vestibulum*⁴⁰, por onde se entra quer para a piscina quer para o *caldarium*⁴¹ a oriente, edificado mesmo sob o abismo do declive rochoso. À semelhança de instalações semelhantes no mundo romano, o pavimento foi ricamente adornado com mosaico branco téssereo. A parte leste do *caldarium* foi totalmente destruída, mas na parte ocidental foram encontrados *in situ* os restos de oito pequenas colunas em tijolo arredondado sobre lajes argilosas. Diante disto, Yigael Yadin questionou-se: se havia espaço para uma zona balnear tão completa à maneira romana, onde está o *apodyterium* (sala de vestir)?⁴²

Para além destes achados em bom estado, Massada tornou-se um caso interessante porque na parte leste deste terceiro pátio foram encontrados (o que é muito raro) ainda restos de alimentos (caroços de azeitonas, uvas, e romãs), bem como lâminas metálicas de armaduras, setas, parte de um manto, flechas, e um *ostrakon* em aramaico⁴³. No entanto, o que continua a ser matéria de debate são os três (apenas!) esqueletos de uma mulher com cerca de dezoito anos de idade, de um homem com cerca de vinte e dois, e de uma criança com cerca de onze, todos encontrados no *frigidarium*. Cabelo e barba humana foram descobertos nas proximidades, juntamente com alguns artigos de vestuário⁴⁴. O que significam? Seja o que for que queiram dizer, e não

³⁹ Cf. NETZER, *Masada* III, 8.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 9.

⁴¹ Cf. *Ibidem*, 10.

⁴² Cf. YADIN, *The Excavations*, 15. Na resposta a esta perplexidade, Ehud Netzer identifica o *vestibulum* com o *tepidarium*, e a cave na zona noroeste como o *apodyterium*: cf. NETZER, *Masada* III, 16.166.

⁴³ Dentre estes testemunhos textuais destacam-se igualmente: um manuscrito com os salmos 81-85, cujo texto é idêntico ao do TM; uma cópia do hebraico (*original?*) do Sir 39,27-44,17 [cf. Y. YADIN, *The Ben Sira Scroll from Masada*. Jerusalem, 1965]; e algumas cópias de textos litúrgicos rarefeitos de 4Q. Isto levou a que muitos argumentassem em favor de uma dependência essénica de Massada ou a favor de uma influência dos zelotes em Qumran! Segundo Flávio Josefo também os essénios tomaram parte na resistência activa contra os romanos (cf. *Bell. Jud.* III, 2.1). Depois da destruição de Qumran em 68 A.D. alguns teriam fugido para Massada com os manuscritos que puderam salvar. Por conseguinte, permanece em aberto a descodificação do grupo sectário de Qumran, ainda que os essénios permaneçam a nossa melhor hipótese: cf. R. E. BROWN, *Dead Sea Scrolls*. In IDEM – J. FITZMYER – R. MURPHY (eds.), *NJBC*, London 1990, 1079; J. MURPHY-O'CONNOR, "The Essenes and their History", *RB* 81 (1974) 215-244.

⁴⁴ Cf. E. NETZER, "The last days and hours of Masada", *BAR* 17 (1991) 29; Y. YADIN, *The Excavations*, 17.

obstante a exiguidade do número, compaginar-se-ão com a descrição oferecida por Flávio Josefo do fim trágico e violento de Massada ?⁴⁵

Em termos gerais poderemos afirmar que o palácio norte de Massada dispõe das normais características da arquitectura herodiana. Poderão ser resumidos nos seguintes itens:

1º) alto grau de planificação, tal como sucedeu em Jerusalém, Cesareia e Sebaste;

2º) o uso de um ponto focal como eixo de comando de toda a arquitectura, à semelhança de Jericó e do Herodium;

3º) a utilização maciça, porque também necessária, de paredes-muralhas de suporte;

4º) a diversidade de edifícios, conforme as funções (edifícios administrativos, residenciais ou de lazer);

5º) a utilização de materiais *autóctones* na construção, como gesso de alta qualidade, *opus sectile*, *opus reticulatum*, alvenaria silhar;

6º) e inovação nas técnicas de construção. Como inovadores destacamos este palácio norte em Massada construído numa ravina, as piscinas dos palácios de Cesareia e de Jericó, onde Herodes incorporou jardins e pavilhões.

Diante deste panorama, a arquitectura herodiana é caracterizada por fortes influências helenistas, romanas e itálicas⁴⁶. Este influxo evidenciou-se sobretudo nos aquedutos, nos seus teatros, cúpulas, arcos, tectos abobadados, nas pontes, no uso do *opus reticulatum*, e nas decorações em frescos e com estuques⁴⁷.

4. A imprescindível fonte josefina

No caso particular do palácio norte de Massada todos se perguntam: por que motivo construiu Herodes um palácio tão sumptuoso num local tão tecnicamente difícil? Necessitaria ainda de mais um palácio? Não eram suficientes já todos os outros? Não bastaria o dito *palácio ocidental*? Estariam

⁴⁵ Cf. JOSEPHUS, *Bell. Jud.* VII, 400-401.

⁴⁶ Cf. FOERSTER, *Masada* V, 192; E. NETZER, “Les palais du roi Herode a Massada”, *Le Monde de la Bible* 79 (1992) 11.

⁴⁷ Cf. HACHLILI, *Ancient Jewish Art*, 13-14.

em jogo considerações de prestígio, segurança pessoal, conforto climático, ou tratar-se-ia apenas de mais uma megalomania, de um caso de loucura e de tirania? Ou será que Herodes era de facto um construtor genial, capaz das maiores excentricidades? É geralmente admitido que o palácio ocidental seria utilizado para fins administrativos, enquanto que este palácio norte desempenharia cabalmente as funções de residência estiva invernal do governador, devido ao clima excepcionalmente ameno do Mar Morto na estação das chuvas. Na residência de uma tal personagem seria então normal que o espaço e as condições permitissem acolher os convidados do rei, proporcionando-lhes os lazes e as honrarias respectivas. Os pátios inferior e intermédio do palácio norte de Massada serviriam então perfeitamente como *hall* de entretenimento aos convivas⁴⁸.

Por conseguinte, o palácio norte de Massada estaria destinado a tornar-se meramente numa outra fortaleza do sistema herodiano ou a continuar como residência oficial estiva, como uma fortaleza pessoal? De acordo com a narrativa josefina,

“Herodes preparou esta fortaleza para si mesmo como refúgio contra dois perigos: um o medo da multidão dos judeus, de modo que estes não o depusessem e restaurassem os reis anteriores no governo; o outro perigo era maior e mais terrível, vindo de Cleópatra rainha do Egipto, que não escondia as suas intenções. Antes, falava frequentemente com António, e desejava que este cortasse a cabeça de Herodes, pedindo-lhe para lhe conceder o reino da Judeia”⁴⁹.

Yigael Yadin concorda completamente com a descrição do historiador judeu. Na sua leitura o palácio norte de Massada é efectivamente uma fortaleza pessoal de Herodes, na qual construiu tudo o necessário a assegurar as exigências do seu nível de vida⁵⁰. Provavelmente a grandeza e a sumptuosidade de todo o complexo terá sido o motivo da inexistência de facto de quaisquer mudanças na estrutura ao longo dos anos, e sobretudo no

⁴⁸ Cf. NETZER, *Les palais du roi Herodes a Massada*, 7; IDEM, *Masada III*, 586-587.

⁴⁹ Cf. JOSEPHUS, *Bell. Jud.* VII, 300-301.

⁵⁰ Cf. YADIN, *Masada Herod's Fortress*, 16.

período dos zelotes⁵¹. Ainda segundo Yigael Yadin, este grupo de terroristas terá encontrado ali uma estrutura que se coadunava com os seus interesses mais domésticos⁵². No entanto, uma dúvida nos assalta: era esta fortaleza, esta *estrutura* necessária aos zelotes? Como e porque chegou ao fim cerca do ano 73 A.D. aquele baluarte aparentemente inexpugnável e considerado a “mais forte fortaleza de todas”⁵³? Na verdade, nem todos aceitam estas propostas. Existirão outros factores que terão pesado no destino de Massada. Para Ehud Netzer, inclusivé as características topológicas dificultam qualquer tentativa de reconstrução do passado herodiano de Massada. De acordo com este arqueólogo, a erosão climática ao longo dos séculos, e o provável uso que os zelotes fizeram dos todos os materiais disponíveis para se defender contra o exército romano agressor, explicarão a escassez de vestígios ou de evidências literárias. Com efeito, o luxo do palácio norte de Massada não foi querido objectivamente pelo grupo dos zelotes, o último grupo que dele usufruiu. Esse luxo serviu apenas enquanto fonte primária e última de materiais para a resistência e sobrevivência face ao cerco do inimigo, o que levou à deterioração normal de um complexo que foi espoliado ou não utilizado e abandonado em alguma(s) da(s) sua(s) área(s)⁵⁴.

Face a estes resultados arqueológicos, mais ou menos esparsos, restamos o confronto final com a narrativa de Flávio Josefo para aquilatar da fiabilidade da mesma. Quão precisa é a sua historiografia? Poderá ou deverá ser um ponto incontornável para a história inter-testamentária? E como extrair a verdade histórica (tomada aqui no seu sentido historiográfico) se ele mesmo é alguém comprometido na história de acontecimentos que afligem o seu próprio povo? Mas terá permanecido tão comprometido?⁵⁵

⁵¹ Cf. F. JOSEPHUS, *Bell.Jud.* VII, 252-274. Como atestação arqueológica é normalmente apresentado o conjunto de moedas desse período pós-herodiano encontradas ao nível da estratificação de deflagração: cf. YADIN, *The Excavations*, 16.

⁵² Cf. Y. YADIN, *Masada Herod's Fortress*, 16.

⁵³ Cf. F. JOSEPHUS, *Ant.* XIV, 296; IDEM, *Bell.Jud.* I, 237.

⁵⁴ Cf. NETZER, *Masada*. In *EAEHL*, vol. 3, Jerusalem 1993, 976; G. FOERSTER, “La vie des rebelles retranchés a Massada”, *Le Monde de la Bible* 79 (1992) 25.

⁵⁵ Para um bom resumo da vida e das obras acerca desta controversa personagem do judaísmo peritamentário ver o excelente resumo bibliográfico de Helen K. Bond em H. K. BOND, “New Currents in Josephus Research”, *CR:BS* 8 (2000) 162-190. Para o caso da apreciação do testemunho de Flávio Josepho sobre a esposa do Procurador Félix ver F. E. BRENK – F. C. De ROSSI, “The ‘Notorius’ Felix, Procurator of Judaea, and His Many Wives (Act 23-24)”, *Biblica* 82 : 3 (2001) 412.

Josefo ben Matatias nasceu no primeiro ano do reino de Caio Calígula (37 A.D.) e no décimo de Arquelau⁵⁶ de uma família asmonea⁵⁷ que o educou à maneira sacerdotal em Jerusalém, onde recebeu uma boa educação. Em 64, com apenas 27 anos, chefiou uma delegação à côrte do imperador Nero para libertar alguns sacerdotes⁵⁸, mas dois anos mais tarde participou na revolta judaica da Galileia entre 66-70 A.D comandando as respectivas forças de um dos destacamentos. Como um dos poucos sobreviventes de 67 em Jotapata entregou-se ao general romano Vespasiano, em vez de fugir para Jerusalém ou para Massada (muito melhor fortificadas) e aí resistir até ao fim como resistiram os Macabeus, como gostaria de ver qualquer judeu ortodoxo. Efectivamente, poderemos considerar que Flávio Josefo foi feliz na intuição e na análise do seu tempo, ao prever tal como Rabbi ben Johanan que Vespasiano se tornaria imperador⁵⁹. Flávio Josefo limitou-se assim a entregar-se aos vencedores, que o libertaram dois anos depois.

Vespasiano era o primeiro da família dos imperadores Flávios, de quem Josefo se tornou *cliente*⁶⁰, como bem o expressa o nome que passou a utilizar – *Flavius* ! Tito, filho de Vespasiano e conquistador de Jerusalém no ano 70, trouxe Josefo entre os despojos para Roma. Instalou-o numa palácio real com direito a pensão e outorgou-lhe os direitos da cidadania romana. Este judeu bem nascido não foi, portanto, apenas escritor. A sua biografia nos ensina desde já aliás que a sua vida foi efectivamente um *dilema*⁶¹, vivida entre vários *dilemas* que dilaceraram o seu tempo e o seu povo. Ora, foi durante este período que escreveu quer os volumes sobre toda a História de Israel desde a criação do mundo (*Antiquitatae Judaicae*, traduzidos para grego de um provável original aramaico no fim da década de 80 ou nos inícios da década de 90)⁶², quer o livro das guerras dos judeus (*Bellum Judaicum*) entre 75-79

⁵⁶ Cf. F. JOSEPHUS, *Vita Jos.* 5 : S. MASON (ed.), *Flavius Josephus Translation and Commentary*, IX, *Life of Josephus*, Leiden 2001, 9.

⁵⁷ Cf. K.-S. KRIEGER, “War Flavius ein Verwandter des hasmonäischen Königshauses?”, *Biblische Notizen* 73 (1994) 58-65.

⁵⁸ Cf. JOSEPHUS, *Vita Jos.* 13-14 : S. MASON, 21.

⁵⁹ Cf. IDEM, *Bell.Jud.* VI, 312.313; *Gittin.* 56a-b; TACITUS, *Hist.* 5.13; SÜETONIUS, *Vespasianus* 4.

⁶⁰ Cf. JOSEPHUS, *Vita Jos.* 423 : S. MASON, 167.

⁶¹ Com uma visão não tanto abonatória do historiador judeu cf. KRIEGER, “Priester, Bandenchef, Geschichtsschreiber”, *BK* 53 (1998) 54; IDEM, *Geschichtssreibung als Apologetik bei Flavius Josephus*, Tübingen u.Basel, 1994, 227-229.

⁶² Cf. H. K. BOND, “New Currents...”, 172.

A.D.⁶³, a fim de mostrar quer a inutilidade da rebelião contra Roma⁶⁴ quer a culpa por parte dos dirigentes judaicos nessa rebelião não querida pelo próprio povo judeu. Os seus dois últimos trabalhos, provavelmente editados logo após a sua morte por volta do ano 100, são uma autobiografia (*Vita Josephi*)⁶⁵ – que mais parece a defesa da sua missão como general na Galileia, e uma apologia (*Contra Apionem*, no tempo de Domiciano?⁶⁶), onde faz a defesa do judaísmo face à onda de anti-semitismo provinda de Alexandria⁶⁷. Por outro lado, subsiste uma outra questão : quem eram efectivamente os destinatários das suas obras. Ao escrever as *Antiquitatae Judaicae* dirige-se aos pagãos para lhes mostrar “qual era a origem dos judeus, qual o destino que tiveram, e quem foi o grande legislador que lhes ensinou a piedade e o exercício de outras virtudes”⁶⁸. No entanto, não se pode dizer que as obras de Josepho, bem como as de Fílon, fossem sem mais obras de propaganda missionária judaica. É possível que tais obras tenham contribuído a que alguns pagãos aderissem à tradição e à fé judaica. Mas esse não parece ter sido o objectivo das mesmas⁶⁹.

Flávio Josefo nunca negou o seu passado judaico, ao contrário da interpretação de muitos autores que o fazem demasiado dependente de Roma. Ao longo de uma vida atribulada mas rica como a sua, o historiador judeu viu-se confrontado com diferentes mundividências, viu o mundo do seu tempo segundo perspectivas muito díspares, porque naquele mundo teve a oportunidade de se posicionar em locais tão dissemelhantes uns dos outros.

⁶³ Cf. IDEM, *Ibidem*, 170-171.

⁶⁴ Note-se que no caso particular do templo de Jerusalém (e podemos afirmar no âmbito mais vasto de todo o período herodiano) a descrição de Flávio Josefo (*Ant.* XV, 380-425) difere da do tratado *Middot* da Mishna, ainda que o próprio Flávio Josefo cite como fonte as *memórias* de Herodes (*Ant* XV, 174) e as de Vespasiano e Tito (*Vita Jos.* 342.358 : S. MASON, 140.146). Cf. Ph. PERKINS, *Other jewish literature*. In R. E. BROWN - et alia (eds.), *NJBC.*, 1080. Como trabalhos importantes sintetizadores ver : L. H. FELDMAN, *Josephus and Modern Scholarship*. Berlin 1984; Sh. J. D. COHEN, *Josephus in Galilee and Rome. His Vita and Development as a Historian*. Leiden, 1979, 50-56; S. MASON, “Will the Real Josephus Please Stand Up?”, *BAR* 23 : 5 (1997) 58-68.

⁶⁵ Cf. S. MASON, XV-XIX.

⁶⁶ Cf. H. K. BOND, “New Currents.....”, 174.

⁶⁷ Cf. J.-P. LÉMONON, *Le Judaïsme avait-il une pensée et une pratique missionnaires au début du I^{er} siècle de notre ère ?*. In Ph. ABADIE – IDEM (dir.), *Le Judaïsme à l'aube de l'ère chrétienne. XVIII^e Congrès de l'ACFEB (Lyon, Septembre 1999)*, [= LD 186], Paris, 2001, 316. Para uma identificação problemática e exagerada que lê em Flávio Josepho o sentido da gematria apocalíptica do número 666 ver J. M. FORD, *Revelation*, [= AB 38], New York 1975, 227.230.

⁶⁸ Cf. F. JOSEPHUS, *Ant.Jud.* I, 6.

⁶⁹ Cf. J.-P. LÉMONON, 317.

Isto mesmo espelham os seus últimos escritos de certa forma revisionários em algumas matérias.

No caso particular do rei Herodes o caso torna-se mais evidente, na medida em que a descrição desta personagem importante da história de Israel adquire contornos de positividade na primeira fase da escritura romana de Flávio Josefo⁷⁰, enquanto que já para o fim parece que Flávio Josefo, aí mais maduro, terá revisto a sua análise e como que reescrito uma outra biografia do mesmo Herodes. Nas *Antiquitates* a figura herodiana é denegrida porque tomou decisões contrárias aos interesses e ao bem estar do povo judeu, mesmo desrespeitosas do seu direito tanáquico⁷¹. Também não é esquecido o assassinio do sumo sacerdote Hyrcanus II, o comportamento frequentemente tirânico do monarca⁷², e Nicolau de Damasco é desclassificado por ter escrito apenas para o agradar: “ele escreveu durante o tempo de vida de Herodes e sob o seu reinado para o agradar, como seu servo, realçando apenas o que tendia a glorificá-lo, e escusando-se explicitamente a mencionar alguns dos seus crimes mais notórios, omitindo-os diligentemente”!⁷³. Mas para além de Herodes alguns dos seus compatriotas são igualmente acusados.

Com efeito, Flávio Josefo, apesar de bastante próximo das esferas políticas romanas, não terá pretendido desculpar os seus amigos da Cidade Eterna e culpabilizar os colonizados da província da Judeia, redigindo uma crítica, elaborando uma história do seu povo como propaganda romana⁷⁴. Não se eximindo de referir a conquista de Massada e a destruição de Jerusalém (acontecimentos terríveis para ele que era judeu), e ao salientar que o próprio Tito terá querido poupar o templo pelo facto de ser algo do foro de intimidade do povo judeu⁷⁵, pretende fazer crer ou demonstrar como tal destruição acabou por ser uma represália obrigatória para pôr fim à rebelião de uns agitadores. Flávio Josefo terá querido não tomar partido pelas autoridades romanas que desbarataram o seu povo, mas culpabilizar os responsáveis dos judeus por tudo aquilo que sucedeu em Jerusalém e em Massada. Ao fim e ao cabo, no

⁷⁰ Cf. F. JOSEPHUS, *Bell. Jud.* I, 422-429.

⁷¹ Cf. IDEM, *Ant.* XV, 267.

⁷² Cf. *Ibidem*, 174.

⁷³ Cf. *Ibidem*, XVI, 184.

⁷⁴ “Manchmal wird behauptet, insbesondere sein *Bellum Judaicum* sei als römische Propaganda zu werten. Das ist sicher eine unangebrachte Vereinfachung” (sublinhado nosso) : J. SIEVERS, “Josephus und die Zeit zwischen den Testamenten”, *BK* 53 : 2 (1998) 61.

Bellum Judaicum os romanos saem de certa forma ilibados, ou pelo menos mais desresponsabilizados, porque os grupos de agitadores no seio do povo judeu os obrigaram a actuar de forma enérgica. No entanto, ficamos ainda aquém do estilo panfletário ou da propaganda barata. Flávio Josefo distanciou-se dos grupos sectários contemporâneos da Judeia e percebeu a desigualdade e a irresponsabilidade política das autoridades judaicas que queriam mudar uma situação *per se* difícil e a permanecer. Segundo Flávio Josefo, estes não compreenderam que por si mesmos não conseguiriam inverter a relação de forças na Judeia, pois o adversário até tinha por seu lado a deusa do destino e da fortuna $\tauύχη$ ⁷⁶, o que invalidaria à partida qualquer tentativa de sublevação. Na realidade, Flávio Josefo acusa as autoridades do seu povo de não se terem apercebido disto e de não terem sabido negociar no exíguo espaço político de que dispunham, na medida em que essa opção não teria causado tanto sofrimento ao povo. Assim se compreende a forma aparentemente paradoxal com a qual começa o seu *Bellum Judaicum* : “foi o nosso temperamento sedicioso que a (=nossa terra) destruiu. E foram os *tiranos* de entre os judeus que fizeram cair sobre nós o poder dos romanos que involuntariamente nos atacaram e ocasionaram o incêndio do templo”⁷⁷. Mas se Flávio Josefo critica asperamente os grupos apocalíptico-revolucionários que agitavam a nação dos judeus e não tem pejo em adjectivá-los fortemente como *tiranos*, *ladrões*, *bárbaros*⁷⁸, e *maus*⁷⁹, por outro lado mostra também frieza face àqueles, que mesmo sustentando-o, arrasaram o templo de Jerusalém, o símbolo de unidade e factor de unificação do povo, fizeram captivos e escravizaram muitos outros: “analisarei as acções de ambas as partes com precisão”⁸⁰.

Apesar do seu esforço de seriedade e de objectividade, Flávio Josefo negligenciou alguns factores que terão influenciado *ad intra* e *ad extra* toda a instabilidade na província da Judeia na época. Não se pode menosprezar o crescente número de homens helenistas libertos que, ao constatar uma situação de privilégios por parte dos ghettos judaicos, criaram sentimentos de anti-semitismo. Estes sentimentos agudizavam-se mais ainda diante dos

⁷⁵ Cf. F. JOSEPHUS, *Bell.Jud.* VI, 241.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*, II, 360-361.390.

⁷⁷ *Ibidem*, Proémio, 10.

⁷⁸ Cf. *Ibidem*. 11; VII, 262.

⁷⁹ Cf. *Ibidem*, IV, 179.238.243.328.

sucessos das comunidades judaicas na conversão ao judaísmo de muitos pagãos. Para além disto, Flávio Josefo, como vários historiadores antigos, não prestou grande atenção a factores de ordem sócio-económica, como a pobreza, o excesso de impostos, a injustiça social, a sobrepopulação, a desigual distribuição de terras. Ora, esta pressão foi então campo fértil para muitos grupos sectários na Palestina⁸¹.

Mas mais interessante ainda é para nós toda a hermenêutica teológica que Flávio Josefo faz de todo o processo de guerrilha e de desmoronamento das próprias instituições-sustentáculo em Israel. Na verdade, para o ex-general judeu tudo foi previsto pelo Deus de Israel, como bem intui e interpreta M. Vögel⁸²: “Deus cegou as suas mentes devido às transgressões das quais eram culpados. Por isso não viram quão maiores eram as forças romanas face àqueles que foram dispersados, nem puderam discernir a fome que grassava sobre eles”⁸³. Deus actuou em mais esta tragédia do seu povo como sempre actuou, com justiça, fazendo imperar a verdade da aliança com Israel, o mesmo é dizer, penalizando à maneira do princípio da retribuição deuteronomista quando essa aliança não é cumprida. O que sucedeu foi a repetição do exílio da Babilónia, que o próprio Deus não conseguiu evitar face ao pecado de Israel, sobretudo por parte daqueles que mais responsabilidades tinham no seio do povo: “o templo tornou-se o receptáculo de tudo, e este divino lugar está poluído pela mão daqueles que são do nosso país.....e depois disto tudo esperais que Aquele contra O qual tão impiamente abusastes seja o vosso defensor?”⁸⁴ A destruição e a profanação do sacrário que era Jerusalém aconteceram porque o povo destruiu a aliança com o seu Deus e profanou essas relações: “eles são salteadores que pela sua malvadez prodigiosa profanaram este chão sagrado e que agora se podem ver a embriagar-se no santuário e a gozar dos despojos daqueles que assassinaram”⁸⁵. Estes fora-da-lei são para o historiador judeu os verdadeiros responsáveis da catástrofe que se abateu sobre os seus conterrâneos, visto que mais uma vez, à semelhança

⁸⁰ *Ibidem*, 9.

⁸¹ Cf. *TJ Sabb.* 10.5.29b.

⁸² Cf. M. VOGEL, “Das reinigende Feuer. Die Zerstörung des Zweiten Tempels in der Darstellung des Josephus”, *BK* 53 : 2 (1998) 76.

⁸³ Cf. F. JOSEPHUS, *Bell.Jud.* V, 343.

⁸⁴ *Ibidem*, 402-403.

⁸⁵ *Ibidem.*, IV, 242.

dos seus antepassados quiseram pegar em armas e por si mesmos conquistar outros povos sem o concurso do seu Deus: “lutareis com as vossas armas e pelas vossas mãos contra os romanos? Desde quando é que conseguimos conquistar assim uma nação?”⁸⁶ Para Flávio Josefo, tal como para os profetas, o fogo destruidor de Deus não é um sinal de cinismo por parte do Deus amante de Israel, e Pai. Ao contrário, não passa de um purgatório, de uma purificação do mal mesmo de Israel, da chaga que aflige o povo que tirou do Egito e trouxe à vida, ao qual outorgou condições de justiça, justas. O incêndio do templo de Jerusalém e do forte de Massada são então curiosamente um fogo, ele sim, sagrado porque purificador e santificador⁸⁷. Eles que não amaram e cuidaram o santuário perderam a santidade, o respeito ao Santo de Israel. Deus, por conseguinte, santificou mais uma vez o Seu Nome separando-Se de uma tal situação, de um tal grupo de malfeitores, porque não consegue nem pretende compagnar a Sua santidade com o pecado, Ele que em Si mesmo é santidade. Logo, Roma acabou por se tornar *instrumentum Dei* de reacção à dessacralização. Não foi Deus que Se afastou, mas o povo (e fazemos aqui uma sinédoque) que colheu a tempestade dos ventos que semeou.

Ora, Flávio Josefo está aqui assim muito próximo da teologia deuteronomista e profética, e mostra-se adepto da teocracia em Israel.

⁸⁶ *Ibidem.* V, 376.

⁸⁷ Cf. VOGEL, Das reinigende Feuer, 77.

Conclusão

Ao lermos Flávio Josefo não poderá, conseqüentemente, deixar de ser ressaltada a sua incapacidade natural para um juízo histórico imparcial dos eventos que narra. Mas daqui não se poderá concluir da inutilidade da utilização dos seus livros, ainda que sejam dos poucos testemunhos literários deste período até agora ainda não linear da história de Israel. Na realidade, surgem algumas dificuldades face aos testemunhos arqueológicos. É por muitos considerado no mínimo problemático o facto de que no que toca ao fim violento de Massada e da sua comunidade em 73 A.D. seria esperado encontrar no rochedo do rei Herodes novecentos e sessenta esqueletos, de acordo com a narrativa do historiador judeu (ou romano?)⁸⁸. Ao invés, somente vieram à luz do dia os três referidos do *frigidarium* do pátio inferior do palácio norte e outros vinte e cinco numa caverna no declive sul de Massada!⁸⁹ Neste caso (para os mais cépticos), o fim dramático de Massada com o seu role de suicídios em massa planeados não encontra apoio arqueológico “a não ser aquele que uma fé imaginativa na verdade literária de Josefo poderia providenciar”⁹⁰.

Apesar disto, significa que tudo isto que se está aqui perante um “suicídio literário”⁹¹, que teria sido usado artificial mas habilmente pelo próprio Flávio Josefo para conferir um *memorable finale* a uma história tão trágica de uma pequena parcela do seu povo? Pelo menos deve ser reconhecido o facto de possuímos com maior ou menor grau de exactidão uma das poucas informações textuais de um historiador sobre o séc.I A.D.

No caso específico do palácio norte de Massada, Flávio Josefo estava mais preocupado em fornecer a sua interpretação dos acontecimentos trágicos

⁸⁸ Cf. F. JOSEPHUS, *Bell.Jud.* VII, 400; Sh. J. D. COHEN, “Literary Tradition, Archaeological Remains, and the Credibility of Josephus”, *JJS* 33 (1982) 385-405.

⁸⁹ Cf. N. A. SILBERMAN, *The fall of Masada*. In *Between Past and Present Archaeology, Ideology, and Nationalism in the Modern Middle East*, New York, 1989, 94. Como aliás este autor refere, mesmo com estes vinte e cinco existem graves problemas de identificação, pois falta saber se efectivamente são judeus ou não: cf. *ibidem*, 95.

⁹⁰ Cf. *ibidem*, 95.

⁹¹ C. TASSIN, “Quand Flavius Josephe raconte Massada”, *Le Monde de la Bible* 79 (1992) 21. É por consequente natural para este autor identificar essas ossadas descobertas em Massada não como resultado de um suicídio colectivo, tal como Flávio Josefo indica, mas como mera consequência de meses em guerra contra o governador romano Flavius Silva. Os últimos resistentes, segundo este autor, não teriam cometido suicídio, mas morrido de fome após um isolamento imposto de fora, face a terríveis condições de sobrevivência ao longo da defesa de Massada diante dos soldados romanos: cf. *ibidem*, 22.

de Massada que afectaram o seu próprio povo, do que em descrever ao pormenor toda a decoração e beleza do complexo herodiano ou os edifícios que usaram. Mesmo se no caso de Jerusalém a situação se nos afigura melhor, há que ter presente que Flávio Josefo é principalmente um historiador (logo um intérprete), e não um arqueólogo dos nossos dias, esse sim interessado até à exaustão em todos os detalhes. Mas tal não impede que se possam classificar as descrições de Flávio Josefo dos edifícios e dos seus interiores⁹² como estereotipadas e sem grande significado real, pois são demasiado genéricas ou irrelevantes. A sua forma de escrever aproxima-se da de outros autores helenistas seus contemporâneos e de temas da literatura grega⁹³.

Parece portanto acertada a apreciação de Gideon Foerster da descrição do palácio norte de Massada que Flávio Josefo nos oferece⁹⁴. O ex-combatente judeu explana-nos uma topografia correcta acompanhada com alguns aspectos gerais dos edifícios. Tem o cuidado de precisar que o palácio foi construído sobre o declive ocidental, fora das muralhas cimeiras de Massada, em direcção ao norte⁹⁵. Daqui para a frente, a descrição permanece muito vaga. Ou não existe confirmação arqueológica do descrito, ou essa confirmação é demasiado fragmentária face aos actuais vestígios literários. De acordo com Flávio Josefo, o palácio era rodeado por uma parede, um muro de grande altura com quatro torres de sessenta cúbitos cada uma⁹⁶. Contudo, estas quatro torres não encontram suportação ao nível do terreno⁹⁷. A descrição de Flávio Josefo continua com uma sumária discussão do interior, referindo apartamentos, salas de comensais, colunatas (στοαί, περιστοαί - *stôai* ou *peristôai*), e banhos ricamente decorados, ainda que no seu conjunto se trate de peças não muito detalhadas. Desenha as colunatas como um conjunto de colunas monolíticas em casos em que as colunas eram realmente compostas por cilindros separados recobertos com estuque. Por seu turno, os

⁹² Cf. JOSEPHUS, *Bell.Jud.* VII, 280-294.

⁹³ Cf. J. M. NIETO IBÁÑEZ, “The Sacred Grove of Scythopolis (Flavius Josephus, Jewish War II, 466-471)”, *IEJ* 49 : 3-4 (1999) 260-268,267; cf. F. JOSEPHUS, *Bell.Jud.* II, 472-479.

⁹⁴ Cf. FOERSTER, *Masada* V, 193.

⁹⁵ Cf. F. JOSEPHUS, *Bell.Jud.* VII, 289.

⁹⁶ Cf. *Ibidem*.

⁹⁷ Gideon Foerster justifica esta ausência de evidência arqueológica devido ao facto de Flávio Josefo utilizar nesta parte da sua narrativa um *topos literário* relacionado com alguns palácios no mundo helenista da altura – o *tetrapyrgion* : cf. FOERSTER, *Masada* V, XXII.

apartamentos (οικήματα : *oikēmata*) deveriam ter pisos com grande variedade de ladrilhos encrostados⁹⁸, mas o que ficou foram apenas alguns mosaicos ou pisos em *opus sectile*⁹⁹.

Em síntese, não obstante a sua falta de precisão e o trabalho redactorial que fez da sua grande fonte - Nicolau de Damasco - Flávio Josefo permanece ainda minimamente credível, pelo menos não despiciendo, principalmente pela quantidade de informação histórica deste período tão difícil da história de Israel, e por ser alguém contemporâneo a muitos dos acontecimentos que narra. Sem ele a história inter, peri e neo-testamentária sai defraudada. Nas palavras autorizadas de Joseph Sievers, “quem sem as suas obras quer compreender a história do tempo entre a insurreição dos Macabeus e a destruição do Segundo Templo despoja-se da sua melhor fonte histórica”¹⁰⁰. Porquanto, permanece pertinente o convite no drama schilleriano do libertino Spiegelberg ao filho do conde Moor, Karl Moor, a ler os antigos e as fontes¹⁰¹. Mas na resposta ao bandido Roller mostra que sabe como desde sempre os reis tiveram os seus escribas e historiadores¹⁰². Josepho é também como Spiegelberg um *Meisterredner*.¹⁰³

José Carlos Carvalho

Humanística e Teologia 23 : 2-3 (2002) 225-247.

⁹⁸ Cf. F. JOSEPHUS, *Bell. Jud.* VII, 290.

⁹⁹ Cf. G. FOERSTER, *Masada* V, 193.

¹⁰⁰ J. SIEVERS, *Josephus*, 66.

¹⁰¹ Cf. J. C. F. SCHILLER, *Die Räuber*, Erster Akt, Vierter Auftritt. In *SW*, Band 1, Dramen I, München 1970, 95.

¹⁰² Cf. “König und Kurfürst in der Geschichte überhüpft würde, wenn sein Geschichtschreiber die Lücke in der Sukzessionsleiter nicht scheute, und sein Buch dadurch nicht um ein paar Oktavseiten grösser würde, die ihm der Verleger mit barem Gelde bezahlt” : *Ibidem*, Sechster Auftritt, 102.

¹⁰³ Cf. *Ibidem*, 101.